

Enfermeira na Imprensa Ilustrada Brasileira (1890-1925): assinatura imagética**Fernando PORTO*****Mercedes NETO****

Resumo: Estudo histórico-semiótico com o objetivo de discutir o efeito da assinatura imagética, por meio das imagens das aspirantes/enfermeiras, oriundas das Instituições de Ensino em Enfermagem, veiculada na imprensa ilustrada, como uma das estratégias do mecanismo para a construção da imagem da Enfermeira Brasileira, no Rio de Janeiro. Os documentos utilizados foram imagens veiculadas na imprensa ilustrada brasileira comparadas a outras de origem nacional e internacional. O resultado proporcionou evidenciar a transição do véu para gorro com permanência do símbolo da cruz e o surgimento da touca, pouco fortificada, como elemento imagético na construção da assinatura imagética da enfermeira no período de 1890-1925.

Palavras-chave: Enfermagem. História da Enfermagem. Imagem.

Nurses in the Brazilian Illustrated Press (1890-1925): Signature imagery

Abstract: This paper is a historical semiotic study intended to discuss the effect of signature imagery depicted in images of aspiring nurses and professional nurses, and of nursing schools and courses. These were published in the illustrated press as a way of constructing the image of a Brazilian nurse in Rio de Janeiro. The documents utilized in the study are images printed in the Brazilian illustrated press, which are compared with other images both nationally and internationally. The results of the study clearly demonstrate the transition from the nurse's veil to the cap with the symbol of the cross, through to the emergence of the scrub cap, all of which strengthened the visual element when creating signature imagery of nurses in the period 1890-1925.

Keywords: Nursing. History of Nursing and Imagery.

*Professor Doutor - Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e do Programa de Pós-graduação - Mestrado em Enfermagem e Doutorado em Enfermagem e Biociências – Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Avenida Pasteur, 296, CEP 22290-240, Urca, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: ramosporto@openlink.com.br

**Doutoranda em Enfermagem e Biociências – Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Biociências – Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Avenida Pasteur, 296, CEP 22290-240, Urca, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: mercedesneto@yahoo.com.br

Considerações Iniciais

A expressão “assinatura imagética” foi cunhada em virtude dos atributos pessoais ostentados nos corpos das aspirantes e enfermeiras das Escolas de Enfermagem, delimitadas no Rio de Janeiro, à época Distrito Federal, no período de 1919-1925, quando em luta simbólica das instituições de ensino pela enunciação da imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada (1919-1925) (PORTO, 2007).

Destarte, os atributos pessoais, em especial os de cabeça e o símbolo da cruz, se destacaram e, ao serem decodificados, foram entendidos como assinatura imagética das Instituições de Ensino em prol da profissionalização da Enfermagem. Assim, os respectivos Curso/Escola de Enfermeiras identificavam as Instituições de Ensino, atribuindo-lhes representação simbólica, a saber: o gorro com símbolo da cruz na cor azul representa a Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (1920), oriunda do desdobramento da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (1890), atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; o véu e a cruz na cor vermelha fazem referência à Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (1916); o véu e o símbolo da cruz, em tamanho diferenciado da Cruz Vermelha, e cor não identificada, correspondem ao Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo (1917-1920); e, a touca representa a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (1922), atual Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando foram veiculadas na imprensa ilustrada.

Mediante ao exposto, se entendeu ser o momento para teorizar a expressão cunhada – assinatura imagética –, com o objetivo de dar continuidade à aplicação teórica, como marca simbólica, na perspectiva explicativa da construção da imagem da Enfermeira brasileira, tomando-se por objeto de estudo o efeito da assinatura imagética das Instituições de Ensino em Enfermagem, veiculada na imprensa ilustrada e difundida no Rio de Janeiro (1890-1925).

Nesta perspectiva, pretende-se discutir o efeito da assinatura imagética, por meio das imagens das Aspirantes/Enfermeiras, oriundas das Instituições de Ensino em Enfermagem, veiculadas na imprensa ilustrada, como uma das estratégias do mecanismo para a construção da imagem da Enfermeira Brasileira, no Rio de Janeiro, no período de 1890-1925.

A justificativa para a construção do estudo se deve por ele ser parte integrante do projeto denominado “Imagem Pública da Enfermeira Brasileira”, bem como por oferecer aprofundamento dos resultados na temática por meio de quatro dissertações de mestrado, três subprojetos em andamento, e artigos publicados em periódicos nacional e internacional, tendo por documento de análise as imagens veiculadas na *Revista da Semana* e *Fon-Fon*.

Desta forma, a pesquisa é do tipo documental (LIMA, 2011), na abordagem da história semiótica (MAUAD-ANDRADE, 1991), articulada à expressão assinatura imagética, tendo por documentação imagética duas revistas. A primeira foi a *Revista da Semana*, que surgiu no começo do século XX, considerando-se que fotografia ocupa lugar de destaque junto aos periódicos nacionais, pois a revista era especializada por apresentar aos leitores, principalmente, fotos em flagrantes, se tornando um dos veículos na imprensa recheado de ilustrações e imagens atraentes aos olhos do consumidor, com início de circulação em 1900. A segunda foi a *Revista Fon-Fon*, criada em 1907, no Rio de Janeiro, que tinha por enfoque a ilustração como uma de suas principais características. A revista foi muito popular à época, dando destaque às propagandas, contendo, ainda, informações políticas e sociais de interesse popular (COURY, 2010; NETO, 2011; FONSECA, 2011; DESLANDES, 2012).

As imagens selecionadas foram referentes às Instituições de Ensino em Enfermagem, publicidades das Instituições de Saúde, propagandas de remédios e desenhos veiculados nas revistas selecionadas, tendo por critério mulheres com os atributos pessoais – véu, gorro, touca e o símbolo da cruz.

Nesta lógica, foram construídos cinco quadros demonstrativos. O primeiro teve por finalidade decodificar os códigos dos atributos pessoais. Os outros quadros demonstrativos foram construídos, por meio de algumas peças publicitárias de medicação, Instituição de Saúde e desenhos, destinados à verificação do efeito proposto.

Cabe destacar que foi realizado, em alguns momentos, comparação de imagens de aspirantes/enfermeiras brasileiras com estrangeiras, como amostragem de possível influência ou inspiração dos atributos ostentados pelas agentes de enfermagem brasileiras, como efeito da assinatura imagética.

Assinatura imagética

Um estudo realizado sobre a revolução das imagens mostrou que 75% da percepção humana ocorre por meio do campo visual; depois 20% pela auditiva; e 5% refere-se à capacidade de se perceber o mundo ao redor (BRASIL, 2005).

Neste sentido, a imagem evidencia sua contribuição para a construção do conhecimento nas diversas áreas do conhecimento. Na perspectiva histórica, constata-se que a história da humanidade é marcada pela presença da imagem como um dos principais mecanismos de comunicação visual entre os homens, seja pelos desenhos, pinturas, estatuetas, seja nos mais diversos tipos de suportes e técnicas de representação visual (RAHDE, 1996).

Sobre a imagem como representação visual – em inglês *representation* – pode ser entendida, em português, como signo. Nesta perspectiva, representar é apresentar por meio de algo material distinto de acordo com regras exatas, considerando certas características, estruturas que devem ser expressas, acentuadas e tornadas compreensíveis na sua apresentação, podendo também ser entendida como aquela que serve como representação para o mundo (SANTAELLA; NOTH, 1999).

A palavra assinatura é oriunda do termo “assinar”, originário do latim *assignare*, que possui as seguintes definições: firmar com o seu nome ou sinal; marcar com sinal, assinalar, apontar e imprimir a sua marca, desenho ou modelo (FERREIRA, 1999).

Assinar significa estampar um signo. Na língua espanhola, os nativos ao dizerem “firmar”, a palavra era decodificada como afirmar a vontade. Na história da Idade Antiga e Média, o código para se assinar era codificado por um “x”, pois era o que se desejava, sendo a certeza da expressão da vontade e da conexão dela com o emissor (FERREIRA, 2001).

Ressalta-se que a expressão assinatura imagética corresponde às características simbólicas referentes a uma marca simbólica, permitindo sua distinção entre muitas. Neste sentido, a identidade da Enfermeira pode ser entendida como aquilo que identifica uma coisa, representa seus valores, sejam eles social e subjetivo, relacionados aos caracteres de qualidade e quantidade, e na forma e conteúdo, constituindo seus atributos e realizações (NETO; RAMOS, 2004).

Dito de outra maneira, a identidade se constrói no tempo, no espaço e nas relações do cotidiano, pelas percepções e expressões sensíveis mais ou menos materializáveis, não necessariamente num objeto, mas como uma das variadas formas de realização, incluindo os significados produzidos, indicando suas formas materiais, sensitivas e expressivas, conformadas no tempo, espaço e relações, representando a conjunção de suas percepções/expressões (NETO; RAMOS, 2004).

A teorização da expressão cunhada – assinatura imagética – faz parte constitutiva da identidade da Enfermeira, por meio do campo visual, adornada pelos atributos pessoais ostentados por elas.

Destaca-se que, nos estudos sobre imagens, é possível diferenciar aspectos sociais, culturais e políticos, constituídos pela memória, com o intuito de analisar e transformar mediante o acúmulo de conhecimento, experiência e afetividade. Ademais, ao se desenvolver técnicas que permitem, por meio de outras imagens, expressar esses movimentos: interno, mental e subjetivo. Estas podem ser desenhos, pinturas e esculturas, que possibilitam despertar as emoções e sentimentos em nossa relação com o mundo. As imagens são meios de comunicação, pois fazem parte das relações entre os homens,

mesmo após a invenção da escrita, quando não se dominava os códigos para se ler e escrever (COSTA, 2005).

Mediante o exposto, foi aqui apresentado o referencial das palavras assinatura e imagem, mas a expressão é constituída do léxico imagético. Deste ponto de vista, cabe esclarecer que a palavra *imag(gem)* somada à palavra ético, origina o adjetivo imagético(a), que tem por significação o conjunto das imagens, sejam elas: símbolos, metáforas, em uma composição de significados a serem decodificados (INFOPÉDIA, 2013).

Efeito da assinatura imagética

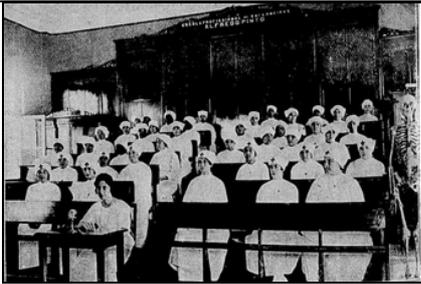
A assinatura imagética, como elemento simbólico de comunicação, é um dos componentes de representação da imagem da Enfermeira.

O Quadro Demonstrativo n. 1 apresenta as Instituições de Ensino da Enfermagem com os elementos simbólicos ostentados pelas enfermeiras de cada Escola/Curso para enunciação da imagem da enfermeira brasileira.

Quadro Demonstrativo n. 1 – Instituições de Ensino da Enfermagem e seus Atributos Pessoais (1890-1925)

Ano de criação	Instituição de Ensino	Imagem da Enfermeira	Atributos Pessoais
1890	Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE)	 <p>(A INAUGURAÇÃO DO AMBULATÓRIO RIVADÁVIA CORRÊA NO ENGENHO DE DENTRO, 1920, p. 23)</p>	Uniforme composto de: <u>Vestido e gorro de aba larga com o símbolo da cruz na cor azul</u>

<p>1914</p>	<p>Curso de Enfermeiras Voluntárias da Cruz Vermelha Brasileira*</p>	 <p>(A COLLOCAÇÃO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO PALÁCIO DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1919, p. 35)</p>	<p>Uniforme composto de: <u>Vestido e véu,</u> ambos com o <u>símbolo da cruz na cor vermelha</u></p>
<p>1916</p>	<p>Curso de Enfermeiras Profissionais da Cruz Vermelha Brasileira*</p>	 <p>(ENFERMEIRA DO CURSO DE ENFERMEIRA PROFISSIONAL DA ESCOLA PRÁTICA DE ENFERMEIRAS DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA – ÓRGÃO CENTRAL – RIO DE JANEIRO, 1928, p. 45)</p>	<p>Uniforme composto de: <u>Vestido e gorro,</u> ambos com o <u>símbolo da cruz na cor vermelha.</u></p>
<p>1919</p>	<p>Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo</p>	 <p>(O CURSO DE ENFERMEIRAS DA POLICLÍNICA DE BOTAFOGO, 1919, p. 21)</p>	<p>Uniforme composto de: <u>Vestido e véu,</u> ambos com o <u>símbolo da cruz de cor não identificada.</u></p>

1921	Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto **	 <p>(A ESCOLA PROFISSIONAL DE ENFERMEIRAS NA COLÔNIA DE ALIENADAS, 1921, p. 23)</p>	Uniforme composto de: <u>Vestido e gorro com o símbolo da cruz na cor azul</u>
1923	Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública ***	 <p>(AS NOVAS ENFERMEIRAS DA SAÚDE PÚBLICA, 1925, p. 22)</p>	Uniforme composto de: <u>Vestido e touca</u>

Fonte: Elaborado pelo autor

(*) Nesse ano foi criada a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, abrigando os dois Cursos da Instituição de Enfermeiras Voluntárias e Profissionais.

(**) Desdobramento da EPEE em três seções: a masculina, que pelo que se sabe não funcionou; a mista com funcionamento no Hospício Nacional de Alienado; e a seção feminina denominada Escola Profissional de Enfermagem Alfredo Pinto, atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO.

(***) Atual Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ.

Os elementos simbólicos ostentados nos corpos das Aspirantes/Enfermeiras se tratam de atributos pessoais que, pelo exposto, apresentam distinções entre si, seja pela cor do símbolo da cruz, mesmo que na visualização das imagens estejam em tons de cinza, seja pelos tipos de adorno profissional colocados na cabeça – véu, gorro e touca –, seja pela modelagem dos vestidos. Neste sentido, a discussão do objeto de estudo se delimitou à cor do símbolo da cruz e à tipificação dos atributos ostentados na cabeça.

Cabe destacar que a cor dos símbolos das cruzes se deve a diversos motivos que outros estudos já evidenciaram, a saber: o símbolo da cruz na cor vermelha é regulamentado pela Cruz Vermelha Brasileira e na cor azul se encontra articulado ao campo da psiquiatria, cujo nascedouro se deu na Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiros (PORTO; AMORIM, 2007).

Outro dado a ser enfatizado refere-se ao posicionamento da cruz nos atributos pessoais. Em outras palavras, é possível notar que o símbolo da cruz se apresenta em diferentes localizações ostentadas nos corpos das Aspirantes/Enfermeiras, a saber: na cabeça – véu e gorro – e no vestido, normalmente, na altura em meio ao tórax e do lado esquerdo.

O símbolo da cruz no véu e no vestido, localizado em meio ao tórax, era ostentado pelas Aspirantes/Enfermeiras com as seguintes distinções: na Cruz Vermelha Brasileira, o símbolo era posicionado no frontispício do véu e no uniforme, na maioria das vezes, na altura central do tórax; no Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo, o símbolo da cruz no véu ocupava a mesma posição que a usada pela Cruz Vermelha Brasileira, se diferenciando no uniforme, localizado ao lado esquerdo do tórax; e na Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, seção feminina – Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto –, o símbolo da cruz no gorro era para diferenciar as Aspirantes do primeiro para o segundo ano do curso.

Como se pode identificar, cada Instituição de Ensino tinha um determinado código visual, como elemento simbólico de distinção, mas todas com a mesma finalidade de contribuir para o desenvolvimento da profissionalização da Enfermagem no Rio de Janeiro, mesmo que seguindo modelos de ensino diferenciados, sobre os quais esta discussão não pretende abordar.

Os efeitos da distinção dos elementos simbólicos de cada Instituição ratificam a luta simbólica pela enunciação da imagem da Enfermeira brasileira no Rio de Janeiro, sobretudo no campo da imprensa, mas, ao mesmo tempo, deixa vestígios da transição do véu para a touca ostentada nos corpos das Aspirantes a Enfermeira. Vale lembrar que as Enfermeiras que ostentavam a touca não traziam a marca simbólica da cruz, o que adiante será mais bem explorado.

Destarte, a touca, também, é uma das marcas simbólicas que compõem a assinatura imagética da profissão, mas o símbolo da cruz, independente da cor e da posição ostentada até o momento, deixa transparecer como forte código de marcação identificadora da profissão de Enfermagem.

No estudo que teve por delimitação temporal o período 1920-1925, os elementos simbólicos ostentados pelas Aspirantes/Enfermeiras emergiram na crença simbólica da Enfermagem, como depositários de credibilidade nas peças publicitárias para o consumo de alguns medicamentos publicizados na *Revista Fon-Fon*, com o total de quatro medicações diferentes, alcançando a frequência de noventa inserções (PORTO; SANTOS, 2010).

Nesta perspectiva, o Quadro Demonstrativo n. 2 apresenta as imagens veiculadas nas páginas da *Revista Fon-Fon* sobre peças publicitárias, tendo como um dos pontos fortes

os atributos pessoais – gorro e véu – como evidência para a construção do efeito da assinatura imagética.

Quadro Demonstrativo n. 2 – Peças publicitárias de medicações veiculadas na *Revista Fon-Fon* (1920-1925)

Medicação publicizada e sua indicação	Peças Publicitárias	Atributos Pessoais															
<p>Ideal (1920), com frequência de 12.</p> <p>Indicação: prevenção de infecções e lesões como abscessos, aphtas, assaduras de calor, brotoejas, comichões, dasthros, eczemas, empingens, erupções, espinhas, feridas, frieiras, fistulas, manchas de pelle e suôres fetidos.</p>	 <p>SOCORRO IMEDIATO</p> <p>Não há remédio mais apropriado do que quando se tem um ferimento: IODEAL. Assim como é conhecido que se sabe que se ferimentos não sejam curados de imediato, não há medicamento mais eficaz – poderoso, mais eficaz.</p> <p>IODEAL</p> <p>Remédio de nome muito conhecido: Feridas, Tálamo, Fístulas, Escaras, Espinhas, Frieiras, Dasthros etc.</p> <p>É por de mais muito eficaz e rápido como anti-eruptivo, em seu uso mantém o calor do corpo.</p> <p>Ter em sua casa um vidro de</p> <p>IODEAL</p> <p>para atender as necessidades urgentes, é uma medida de prevenção. Use represente a Cruz Vermelha Brasileira o SOCORRO IMEDIATO.</p> <p>Indicações</p> <table border="0"> <tr> <td>ABSCESSOS</td> <td>DARTHEROS</td> <td>FERIDAS</td> </tr> <tr> <td>APHTAS</td> <td>ECZEMAS</td> <td>FRIEIRAS</td> </tr> <tr> <td>ASSADURAS DE CALOR</td> <td>EMPINGENS</td> <td>FISTULAS</td> </tr> <tr> <td>BROTOEJAS</td> <td>ERUPÇÕES</td> <td>MANCHAS DA PELLE</td> </tr> <tr> <td>COMICHÕES</td> <td>ESPINHAS</td> <td>SUÔRES FETIDOS</td> </tr> </table> <p>IMPORTANTE</p> <p>O uso correto de uma colher de água de IODEAL, em uma colher d'água para fricções de rosto lavado no cuidado de aplicar para que se efetue uma fricção leve nos locais afetados, preserva em absoluto, as condições, inflamações e outros males, que se manifestam, consequente das lesões sofridas no curso da vida.</p> <p>Aprovado pela Diretoria Geral de Saúde Pública do Brasil, em 14 de julho de 1915. Livro n. 888.</p> <p>PREÇO DO VIDRO 4\$000 – PELO CORREIO 7\$000</p> <p>Atende em todas as farmácias, drogarias, supermercados, lojas e em qualquer parte.</p> <p>J. DE CARVALHO</p> <p>Rua General Câmara N. 225 – Balaio CAIXA POSTAL N. 1194 TELEFONE: 2075 8478 808 DE JANEIRO</p>	ABSCESSOS	DARTHEROS	FERIDAS	APHTAS	ECZEMAS	FRIEIRAS	ASSADURAS DE CALOR	EMPINGENS	FISTULAS	BROTOEJAS	ERUPÇÕES	MANCHAS DA PELLE	COMICHÕES	ESPINHAS	SUÔRES FETIDOS	<p>Véu com o símbolo da cruz</p>
ABSCESSOS	DARTHEROS	FERIDAS															
APHTAS	ECZEMAS	FRIEIRAS															
ASSADURAS DE CALOR	EMPINGENS	FISTULAS															
BROTOEJAS	ERUPÇÕES	MANCHAS DA PELLE															
COMICHÕES	ESPINHAS	SUÔRES FETIDOS															
<p>Vinho Iodo Phosphatado de Werneck (1921), com frequência de 33.</p> <p>Indicação: para anemia, limphatismo e debilidade</p>	 <p>VINHO IODO PHOSPHATADO DR. WERNECK</p> <p>ANEMIA LYMPHATISMO DEBILIDADE</p>	<p>Véu e vestido, ambos com o símbolo da cruz</p>															
<p>Vinho Iodo Phosphatado de Werneck (1922), com frequência de 35 (1923) com frequência de 7.</p> <p>Indicação: para anemia, limphatismo e debilidade.</p>	 <p>VINHO IODO-PHOSPHATADO DE WERNECK</p> <p>ANEMIA LYMPHATISMO DEBILIDADE</p> <p>e na convalescência de todas as moléstias que exigem um restabelecimento de efeito energético e imediato</p> <p>RUA DOS OURIVES, 8 e 7 RIO DE JANEIRO</p>	<p>Véu e vestido, ambos com o símbolo da cruz</p>															

<p>Lavolho (1922) com frequência de 02. Indicação: lavar os olhos das crianças e palpebras inchadas e encrostadas tornam-se firmes</p>		<p>Gorro e braçal com o símbolo da cruz</p>
<p>Linimento de Sloan (1925), com frequência de 1. Indicação: Ciática, neurosis, bronchite e outras enfermidades próprias da estação.</p>		<p>Gorro</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

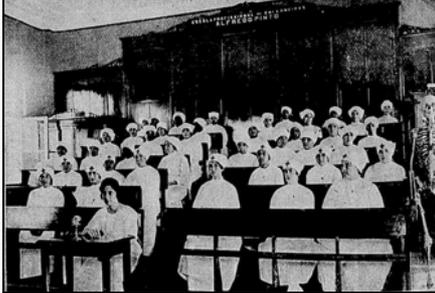
Como se pode identificar, o gorro e o símbolo da cruz são elementos simbólicos presentes na identificação dos trajes das mulheres, semelhantes aos das Enfermeiras, que apontam para possíveis origens das Instituições de Ensino ou serviram de inspiração ou influência do ensino de profissionalização em Enfermagem.

A historiografia das Escolas/Cursos de Enfermeiras no Rio de Janeiro permite constatar que as origens dos atributos pessoais de cabeça e o símbolo nos corpos das mulheres figuradas nas peças publicitárias podem ser entendidos como vestígios dos atributos ostentados pelas Instituições de Ensino da Enfermagem. Por outro lado, não se pode negar a possível influência internacional, seja no campo do processo de profissionalização da Enfermagem seja no âmbito da comercialização de medições.

Outro dado que merece destaque é a comparação de imagens de Enfermeiras brasileiras com as de origem estrangeira, como revela o Quadro Demonstrativo n. 3.

Quadro Demonstrativo n. 3 – Pareamento de imagens de Enfermeiras Brasileiras e Estrangeiras

Imagem da Enfermeira Brasileira	Imagem da Enfermeira Estrangeira	Observações da comparação
 <p>(A INAUGURAÇÃO DO AMBULATÓRIO RIVADÁVIA CORRÊA NO ENGENHO DE DENTRO, 1920, p. 23).</p>	 <p>Sem identificação (ZWERDLING, 2004, p. 172 e 178)</p>	<p>Ambas possuem gorros de abas largas e símbolo da cruz, apesar de modelagem e tamanhos de cruzes respectivamente distintos.</p>
 <p>(A COLLOCAÇÃO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO PALÁCIO DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1919, p. 35).</p>	 <p>Sem identificação (ZWERDLING, 2004, p. 174 e 178)</p>	<p>Ambas ostentam véu com símbolo da cruz</p>

 <p>(ENFERMEIRA DO CURSO DE ENFERMEIRA PROFISSIONAL DA ESCOLA PRÁTICA DE ENFERMEIRAS DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA – ÓRGÃO CENTRAL – RIO DE JANEIRO, 1928, p. 45).</p>	 <p>Sem identificação (ZWERDLING, 2004, p. 174 e 178)</p>	<p>Ambas ostentam gorro com o símbolo da cruz, se diferenciando pela posição do símbolo da cruz – a imagem brasileira apresenta o símbolo na parte central do uniforme e a imagem estrangeira de forma lateralizada.</p>
 <p>(O CURSO DE ENFERMEIRAS DA POLICLÍNICA DE BOTAFOGO, 1919, p. 21).</p>	 <p>Enfermeira Inglesa (ZWERDLING, 2004, p. 175 e 178)</p>	<p>Ambas ostentam véu e o símbolo da cruz, possivelmente de tamanhos aproximados.</p>
 <p>(A ESCOLA PROFISSIONAL DE ENFERMEIRAS NA COLÔNIA DE ALIENADAS, 1921, p. 23).</p>	 <p>Sem identificação (ZWERDLING, 2004, p. 174 e 178)</p>	<p>Ambas possuem gorro com o símbolo da cruz, se distinguindo umas das outras pela ausência/presença do símbolo da cruz em seus uniformes.</p>

 <p>(AS NOVAS ENFERMEIRAS DA SAÚDE PÚBLICA, 1925, p. 22)</p>	 <p>Sem identificação (ZWERDLING, 2004, p. 174 e 178)</p>	<p>Ambas apresentam touca lisa com ausência do símbolo da cruz.</p>
---	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor

Depreende-se que, se por um lado o véu era uma das características das Enfermeiras formadas pela Cruz Vermelha Brasileira que, aliás, era originária da Cruz Vermelha Internacional, que foi disseminada pelo mundo em Escolas/Cursos de Enfermeiras com uniformes, com atributos pessoais e símbolos muito próximos; por outro lado a influência de outras Instituições de Ensino/Serviço de origem estrangeira – sem identificação –, também contribuiu, pelos vestígios apresentados, quando pareadas no mecanismo de construção da imagem da Enfermeira Brasileira.

Ademais, acredita-se na possibilidade arriscada, mas não relevante, da imagem da Enfermeira Brasileira ter influenciado a construção da imagem da Enfermeira estrangeira, apesar de ser estranha a assertiva, mas, como hipótese, vale a pena a testagem, não sendo, entretanto, a proposta deste estudo.

O Quadro Demonstrativo n. 4 apresenta a propaganda das Instituições de Saúde com imagem de Enfermeiras, por meio de seis Instituições, que devem ser entendidas como possibilidade de amostragem Institucional à época. Nota-se, por meio do Quadro, nas peças das Instituições de Saúde, que as Enfermeiras ostentam como destaque: o véu, o gorro com símbolo da cruz, e a touca.

Quadro Demonstrativo n. 4 – Propaganda das Instituições de Saúde com imagem de Enfermeiras

Instituição de Saúde	Peças Publicitárias	Atributos Pessoais
<p><u>Santa Casa de Misericórdia</u> Criada por volta de 1582. Localizada na Rua Santa Luzia nº 206 - no centro da cidade do Rio de Janeiro.</p>	 <p>(NOTAS MÉDICAS, 1919, p. 23)</p>	<p>Véu e vestido, ambos com o símbolo da cruz</p>
<p><u>Posto de Assistência no Meyer</u> Criado em 1911 Localizada na Rua Archias Cordeiro nº 370 – subúrbio da cidade do Rio de Janeiro.</p>	 <p>(ASSISTENCIA PÚBLICA, 1918, p.49)</p>	<p>Véu e vestido, ambos com o símbolo da cruz</p>
<p><u>Maternidade Pró-Matre</u> Criada em 1918 Localizada na Avenida Venezuela nº 153 – centro da cidade do Rio de Janeiro.</p>	 <p>(BENÇÃO DA SEDE SOCIAL DA PRÓ-MATRE, 1919, p. 23)</p>	<p>Véu e vestido, ambos com o símbolo da cruz</p>
<p><u>Hospital São Francisco de Assis</u> Criado em 1922 Localizado na Rua Visconde de Itaúna, nº 375 – centro da cidade do Rio de Janeiro.</p>	 <p>(O DIRETOR DO HOSPITAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS, DR. GARFIELD DE ALMEIDA AO LADO DE MÉDICOS, INTERNOS E</p>	<p>Touca, vestido e ausência do símbolo da cruz</p>

	<p>ENFERMEIRAS DO ESTABELECIMENTO, 1923, p. 52)</p>	
<p>Hospital Evangélico Criado em 1896 Localizada na Rua Bom Pastor nº 83 – zona norte da cidade do Rio de Janeiro.</p>	 <p>(COMEMORAÇÃO PELO ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DO HOSPITAL EVANGÉLICO, 1924, p.49)</p>	<p>Véu e sem o símbolo da cruz</p>
<p>Hospício Nacional de Alienados Criado em 1842 Localizada na Praia da Saudade – Urca, zona sul da cidade do Rio de Janeiro.</p>	 <p>(ENFERMEIRA DO CURSO DE ENFERMEIRA PROFISSIONAL DA ESCOLA PRÁTICA DE ENFERMEIRAS DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA – ÓRGÃO CENTRAL – RIO DE JANEIRO, 1928, p. 45)</p>	<p>Gorro e ausência do símbolo da cruz</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

O Quadro também permite identificar as diversas Instituições de Saúde, em sua maioria, retratando ritos institucionais (BOURDIEU, 1998). Estes ritos eram, provavelmente, uma das estratégias de chamar a atenção da população, podendo ser entendidos como vitrine dos serviços prestados, quando os profissionais da imagem fotográfica, em um momento de eternidade no registro por meio do *click*, tiveram por resultado veiculação na imprensa ilustrada.

Nestas imagens, é possível evidenciar o predomínio dos atributos pessoais das Enfermeiras, trajando véu e gorro com/sem o símbolo da cruz, e a touca. Contudo, há de se perceber que algumas mulheres retratadas, apesar de ostentarem o véu, em especial no caso do Hospital Evangélico, se encontram sem o símbolo da cruz, o que não permite afirmar serem Enfermeiras, no sentido de terem sido formadas por alguma Instituição de Ensino; diferenciadas das retratadas do Hospício Nacional de Alienadas que, apesar de não ostentarem o símbolo da cruz, são Aspirantes do primeiro ano da Escola de Profissionais de Enfermeiros e Enfermeiras, anexa à Instituição (PORTO, 2007).

As demais retratadas das Instituições de Saúde, majoritariamente, ostentam o símbolo da cruz no véu e/ou no vestido, compondo o uniforme das Enfermeiras, o que possibilita inferir que se trata de Enfermeiras, oriundas da Cruz Vermelha Brasileira pela semelhança do atributo pessoal.

Como se pode identificar, até o presente momento, o símbolo da cruz cotejado ao véu e ao gorro constitui-se um código forte, como possibilidade de composição da assinatura imagética na construção da imagem da Enfermeira, como um dos elementos da identidade profissional. Mas a touca, outro elemento simbólico, sem o símbolo da cruz? Primeiramente, cabe atender ao questionamento sobre os atributos de cabeça ostentados pelas Aspirantes/Enfermeiras.

Em outras palavras, o véu, apesar de possuir diversos significados, dependendo da cultura, faz-se remeter com certo predomínio ao aspecto religioso, especialmente o católico, seja pelas freiras seja pelas mulheres ao entrarem nas igrejas para rezar, independente da cor; o gorro, usado tanto pelas mulheres como pelos homens, o que se pode afirmar ser de uso unissex, mesmo diante da modelagem diferenciada, sendo funcional no sentido de proteção dos cabelos de ambos os sexos biológicos, além de apresentar significado de transição entre a tradição e a modernidade da prestação do cuidado e; a touca, de uso exclusivo feminino, menos funcional que o gorro, podendo ser entendido como um adorno profissional de distinção de cabeça, que significa a modernidade da Enfermagem, marca simbólica advinda das Enfermeiras norte-americanas, quando implantaram a Enfermagem Moderna no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, em 1923 (PORTO; SANTOS, 2007).

Ressalta-se que a imagem da cruz pode ser entendida de diversas formas, tais como aquelas cujo objeto de estudo advém da história da arte, sobretudo na Idade Média, relacionado às suas funções, como: pedagógica, de memória e de ornamento. Sua significação pode ser revestida de mistério associada à sacralização de Cristo, como instrumento de suplício e não de emblema divino, mas portadora de significação do Salvador, aquele que sofreu na cruz pela humanidade (SCHMITT, 2007).

Depreende-se, neste sentido, que mesmo diante das variações geométricas do símbolo da cruz, ela é portadora de respeito em memória ao Salvador; pedagógica, por

transmitir o ensinamento defendido por ele; e ornamental, por ter significação acumulada, como, por exemplo, a serviço de alguma Instituição de Saúde laica ou não, que conduz a sua memória. Desta forma, a ostentação do símbolo da cruz nos trajes das Enfermeiras pode ser entendida como vestígio da tradição religiosa revestida de salvação em prol da humanidade.

Nesta perspectiva, o que irá se identificar nas imagens do Quadro Demonstrativo n. 5 são desenhos e caricaturas, inspirados nos atributos pessoais usados pelas Aspirantes/Enfermeiras por motivos circunstanciais, veiculados na imprensa ilustrada. Essas imagens também apresentam o símbolo da cruz com a mesma variação geométrica disposta nos trajes das Aspirantes/Enfermeiras das Instituições de Ensino da Enfermagem, como possibilidade de significação de salvação.

Quadro Demonstrativo n. 5 – Desenhos e caricaturas inspirados nas Enfermeiras em motivos circunstanciais.

Motivo	Desenho em <i>fac-símiles</i>	Atributos Pessoais
I Guerra Mundial	 <p>(A CRUZ VERMELHA, 1917a, p. 23)</p>	Braçal e símbolo da cruz
I Guerra Mundial	 <p>(A CRUZ VERMELHA, 1917b, p. 1)</p>	Véu e braçal, ambos com o símbolo da cruz

<p>I Guerra Mundial</p>	 <p>(A SOBREVIVÊNCIA DA BONDADE HUMANA, 1917, p. 1)</p>	<p>Véu com o símbolo da cruz</p>
<p>Representação plástica da Cruz Vermelha</p>	 <p>(O ALTRUÍSMO DA MULHER BRASILEIRA, 1918, p. 6)</p>	<p>Véu com o símbolo da cruz</p>
<p>Gripe espanhola</p>	 <p>(AMOR COM AMOR SE PAGA, 1918, p. 15)</p>	<p>Gorro e vestido, ambos com o símbolo da cruz</p>
<p>Representação da imagem da Enfermeira do Departamento Nacional de Saúde Pública</p>	 <p>(UMA NOBRE PROFISSÃO DA MULHER, 1923, p.27)</p>	<p>Véu e vestido, ambos com o símbolo da cruz</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

Mais uma vez ocorre a predominância do símbolo da cruz, principalmente no atributo pessoal de cabeça, o véu. Cabe destacar, entretanto, que o símbolo aparece também no braçal das duas primeiras imagens deste Quadro Demonstrativo n. 5.

Estas observações conduzem à recuperação de uma das imagens apresentadas no Quadro Demonstrativo n. 2, referente à peça publicitária da medicação Lavalho, em que a mulher figurativa ostenta em seu braço o mesmo símbolo.

Sabe-se que o uso do braçal com o símbolo da cruz era um atributo da Cruz Vermelha Brasileira, como uma das maneiras de demonstrar o poder simbólico da Instituição, como marca distintiva, tendo por significação a neutralidade da Cruz Vermelha em cenários de guerra e nas calamidades de atendimento (PORTO, 2007).

Outro dado evidenciado, em outro estudo, refere-se a última imagem apresentada no Quadro Demonstrativo n. 4, que foi veiculado na *Revista da Semana* sob o título “Uma nobre profissão da mulher”, matéria destinada à divulgação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, que tem como marca a touca, na implantação da enfermagem moderna, mas, por motivo não identificado, o editor optou pelo uso do véu como atributo pessoal da mulher desenhada.

A inferência realizada pode ser entendida como possível equívoco. O resultado do estudo atribuiu o fato veiculado na imprensa à influência, por meio da crença simbólica da cruz, marcada fortemente pela Instituição de Ensino da Cruz Vermelha Brasileira, evidenciando a sua distinção no campo de luta pela enunciação da imagem da enfermeira (PORTO; SANTOS, 2007).

Para tanto, ao se utilizar a expressão assinatura imagética, ela deve ser entendida, de forma simbólica, como representação, o que também conduz à compreensão de identidade profissional no campo da cultura simbólica.

A identidade profissional se aproxima do aspecto simbólico da identidade da marca, por exemplo, de um determinado produto comercial. Nesta perspectiva, o estudo realizado sobre as porcelanas da marca “Vista Alegre” descortinou os traços caracterizadores do produto, considerados como identidade do fabricante. Isto posto, a análise da marca pode ser entendida como uma das suas formas de relacionamento com o consumidor, resultando na decodificação pelos traços, caracteres, entre outros elementos, como marca registrada do produto comercializado, a porcelana em apreço (RUÃO, 2002).

Considerações finais

À época, havia sérios investimentos na profissionalização da Enfermagem, por meio das Instituições de Ensino, das quais cada uma tentava, à sua maneira, enunciar a imagem pública da Enfermeira, em forma de luta simbólica nas páginas da imprensa ilustrada.

As estratégias empreendidas por cada Instituição de Ensino, independente do modelo de ensino, marcavam nos corpos das Aspirantes/Enfermeiras signos que, aos poucos, creditavam confiança, possivelmente, no imaginário coletivo, fosse pelo véu, gorro ou touca, ainda pouco fortificada até os anos de 1925.

Estes elementos simbólicos, porém, não funcionavam de forma isolada, mesmo com a proposta de profissionalização, pois o símbolo da cruz era uma das marcas de forte aspecto simbólico no sentido religioso que permanecia como elemento marcante na enunciação da imagem da Enfermeira.

Isto significa que, de fato, cada Instituição de Ensino tinha sua assinatura imagética e que as Aspirantes/Enfermeiras eram mensageiras institucionais. Contudo, o que se destaca para o presente momento, como resultado deste estudo, diz respeito à marcação simbólica da cruz, independente da cor ou variação geométrica, ela permanecia sendo ostentada nos corpos das Enfermeiras e com efeito no campo profissional, comercial e artístico.

Outro dado que merece destaque refere-se à presença marcante do gorro de uso unissex que, talvez, pela sua funcionalidade, concorria com o uso do véu, deixando transparecer que se tratava de um elemento que acentuava como assinatura imagética da Enfermeira.

Enfim, após o exercício de discussão do objeto de estudo, acredita-se que ainda se tem muito a (des)cristalizar e argumentar, para muitos, os motivos que se investe no simbólico. Desse modo, o que foi apresentado talvez seja apenas a ponta de um *iceberg* do simbólico sobre o uso da cruz, que pode ser considerado como resposta para muitos.

Ademais, o símbolo da cruz se faz presente como parte da representação profissional da Enfermagem, provavelmente, ligado às tradições religiosas e, exemplo disto, é a sua presença em bandeiras, insígnias e outros objetos, bem como basta se observar alguns produtos comerciais ou decorativos que, ao serem vistos, remetem às representações da profissão, o que aqui, direta ou indiretamente, foi discutido como um dos elementos simbólicos da composição da assinatura imagética da Enfermagem.

Recebido em 7/11/2013

Aprovado em 11/6/2014

REFERÊNCIAS

- A COLLOCAÇÃO da Pedra Fundamental do Palácio da Cruz Vermelha Brasileira. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, Ano 20, n. 36, p. 35, 11 out. 1919.
- A CRUZ Vermelha. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 36, p. 23, 12 out 1917.
- A CRUZ Vermelha. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 45, p. 01, 15 dez. 1917b.
- A ESCOLA Profissional de Enfermeiras na Colônia de Alienadas. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, Ano 22, n. 25, p. 23, 18 jun. 1921.
- A INAUGURAÇÃO do Ambulatório Rivadávia Corrêa no Engenho de Dentro. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, Ano 21, n. 20, p. 23, 13 jun. 1920.
- AMOR com amor se paga. *Revista A Careta*. Rio de Janeiro, n. 543, p. 15, 16 nov. 1918.
- A SOBREVIVÊNCIA da bondade humana. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, Ano 18, n. 46, p. 1, 22 dez. 1917.
- AS NOVAS enfermeiras da Saúde Pública. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, Ano 26, n. 27, p. 22, 27 jun. 1925.
- ASSISTENCIA PÚBLICA. *Fon Fon*. Rio de Janeiro, ano XII, número52, 28 dez 1918, p.49.
- BENÇÃO da sede social da Pró-Matre. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, p. 23, 15 fev. 1919.
- BRASIL, Antônio Cláudio. *A revolução das imagens*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas lingüísticas - o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- COMEMORAÇÃO pelo aniversário da fundação do Hospital Evangélico. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, ano XVIII, número 29, 19 jul. 1924, p. 49.
- COSTA, Cristina. *Educação, imagem e mídias*. São Paulo: Cortez, 2005.
- COURY, Amanda Ferreira. *Fatos e Fotos da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no Enfrentamento da Gripe Espanhola (1918)*. 2010. 126f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- DESLANDES, Anna Karina de Matos. *Cuidado e Enfermeiras na Revista da Semana no Âmbito da Reforma Sanitária Profissional*. 2012. 138f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- ENFERMEIRA do Curso de Enfermeira Profissional da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central – Rio de Janeiro. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, p. 45, 4 ago. 1928.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Aurélio Século XIX*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Paulo Roberto G. A Assinatura Digital é Assinatura Forma. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/27425-27435-1-PB.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2013.

FONSECA, Elaine Franco Ribeiro. A imagem pública da enfermeira-parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre do Rio de Janeiro no período de 1928-1931: (des)construção de uma identidade profissional. 2011. 103f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

INFOPÉDIA. Enciclopédia e Dicionários Porto Editora. Imagético. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/imag%C3%A9tico>>. Acessado em: 12 dez. 2013.

LIMA, Dalmo Valério Machado. Desenhos de Pesquisa: Uma contribuição para autores. *Online Brazilian Journal of Nursing*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, páginas 2-18, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3648>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

MAUAD-ANDRADE, Ana Maria de Souza. *Sob o signo da imagem*. A produção fotográfica e o controle dos códigos de representação social da classe dominante do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX. 1991. 340f. Tese (Doutorado em História) - Volume I, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1991.

NETO, Mercedes. *A Produção da Crença na Imagem da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no Período da Primeira Guerra Mundial (1917-1918)*. 2011. 125f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

NETTO, Laura Filomena Santos de Araújo; RAMOS, Flávia Regina Souza. Considerações sobre o processo de construção da identidade do enfermeiro no cotidiano de trabalho. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, páginas 50-57, jan./fev., 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01041169200400-0100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 3 mar. 2013.

NOTAS MÉDICAS. *Fon Fon*. Rio de Janeiro, ano XIII, número 3, p. 23, 18 jan. 1919.

O ALTRUÍSMO da Mulher Brasileira. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, Ano 19, n. 39, p. 06, 02 nov. 1918.

O CURSO de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, Ano 20, n. 14, p. 21, 10 maio 1919.

O DIRETOR do Hospital São Francisco de Assis, Dr. Garfield de Almeida ao lado de médicos, internos e enfermeiras do estabelecimento. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, n. 0025, p. 52, 26 jun. 1923.

PORTO, Fernando. *Os Ritos Institucionais e a Imagem Pública da Enfermeira Brasileira na Imprensa Ilustrada: O Poder Simbólico no Click Fotográfico (1919-1925)*. 2007. 189f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PORTO, Fernando; AMORIM, Wellington (Org.). *História da Enfermagem – lutas, ritos e emblemas*. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2007.

PORTO, Fernando; SANTOS, Tânia Cristina Franco. A Enfermeira Brasileira na mira do *click* fotográfico (1919-1925). In: PORTO, Fernando; AMORIM, Wellington (Org.). *História da Enfermagem – lutas, ritos e emblemas*. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2007.

PORTO, Fernando; SANTOS, Tânia Cristina Franco. Propagandas de remédio na imprensa ilustrada e a imagem da enfermeira brasileira (1920-1925). *Revista Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 44, n. 3, páginas 807-8014, set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000300038>. Acesso em: 02 fev. 2013.

RAHDE, Maria Beatriz. Origens e evolução da história em quadrinhos. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 5, páginas 103-106, nov. 1996. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/2954/2238>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

RUÃO, Teresa. Uma investigação aplicada da identidade da marca: o caso das porcelanas Vista Alegre. *Revista Comunicação e Sociedade*, Braga, v. 4, n. 1-2, 2002. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2723/1/truao_VISTAALEGRE_2002.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2013.

SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. *Imagem – cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1999.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens – ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: EDEDUSC, 2007.

UMA NOBRE profissão da mulher. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, Ano 24, n. 03, p. 27-28, 13 out. 1923.

ZWERDLING, Michael. *Postcards of nursing*. Philadelphia: Lippiccontt Willianse Wilkins, 2004.